

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): VERA LUCIA MENDES TRABBOLD, MARIANA RIBEIRO CAVALCANTE, VICTÓRIA SPÍNOLA DUARTE DE OLIVEIRA

Implicações no contexto acadêmico e profissional da discriminação de gênero na área médica – revisão sistemática de literatura

Introdução

O crescimento profissional, a competência e o reconhecimento são moldados de acordo com as condições concretas e objetivas de vida dos sujeitos, mais do que por determinantes relacionados à vontade e à ação individual. A dominação masculina ocorre de maneira androcêntrica na nossa sociedade, gerando diversas discriminações e preconceitos. Desde a infância, ambos os gêneros são submetidos a valores, práticas e expectativas diferenciadas sobre os papéis masculino e feminino. As discriminações de gênero geram diversos estereótipos e rotulações, interferindo no livre desenvolvimento das potencialidades dos diversos agentes. (MONTAGNER et al, 2010).

Nas últimas décadas houve uma mudança em relação a proporção de alunos do sexo feminino e masculino nas faculdades de Medicina do país. De uma minoria no curso, agora as mulheres representam a maior parte dos ingressos em Medicina. Segundo estudos, a proporção de mulheres cresceu entre 1990 e 2005, passando de 28,7% para 38,3% do total de médicos.

Material e métodos

Este estudo refere-se a uma pesquisa de revisão sistemática de literatura de abordagem qualitativa, dos últimos cinco anos, que objetiva investigar os estigmas presentes na formação e atuação médica. Essa revisão faz parte e embasa uma pesquisa quanti-quali que está se desenvolvendo no âmbito da Unimontes sobre as mulheres médicas na cidade de Montes Claros, MG. A busca dos artigos foi realizada pela internet, nas bases de dados da MedLine, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO). Para o levantamento das pesquisas, foram utilizados os descritores: “medicina” e “gênero” ou “mulheres”.

Gênero, como define Schienbinger (2001, p.46), denota entendimentos multidimensionais e mutáveis do que significa ser um homem ou uma mulher no interior de um determinado ambiente social. Ele é historicamente contingente e constantemente renegociado em relação a divisões culturais tais como *status*, classe e etnia.

Os critérios de inclusão foram: artigos publicados nos últimos cinco anos, em língua inglesa e portuguesa, independente do método de pesquisa e que estivessem texto completo gratuito disponível. Foram encontrados 18 artigos. Após leitura foram selecionados apenas aqueles específicos sobre o tema, restando um total de 6 artigos (Tabela 1).

Resultados e discussão

De uma profissão com predominância masculina, a medicina passou a ser uma profissão em que a maioria dos novos licenciados são mulheres, representando um fenômeno global. Nas últimas décadas, tem sido rompido, portanto um hiato de gênero que cercou a entrada das mulheres na medicina. Apesar da feminização da medicina, alguns estigmas sociais se mantiveram e traduzem-se como diferentes concepções acerca da formação e da competência profissional dos médicos e médicas. (AVILA, 2014).

As médicas se deparam com várias dificuldades na sua carreira profissional, sendo que os fatores determinantes da reprodução humana como gestação, parto e maternidade constituem, em muitos casos, fortes impedimentos para uma trajetória mais linear em suas carreiras. Devido a essas condições, há uma menor disponibilidade de tempo para as mulheres se especializarem e participarem de congressos exteriores, bem como para empenharem-se no trabalho. Há, ainda, uma maior tendência a abandonarem especializações ou residências que exijam uma formação muito longa. Uma questão marcante no discurso das mulheres é a necessidade de coordenar a vida familiar, mesmo após de horas exaustivas de trabalho, contrapondo-se ao cotidiano masculino, que, na maioria das vezes, possuem um tempo maior para se dedicarem, aos trabalhos científicos e a vida acadêmica. (AVILA, 2014), (SCHEFFER; CASSENOTE, 2013). Além disso, a maternidade ainda é um assunto de mulher - ela não deve ser analisada somente como uma barreira real e concreta sob o ponto de vista acadêmico e segundo os padrões de pesquisa atuais, mas também como um grande dilema pessoal, afetivo, social e psicológico, com todo o grau de sofrimento e culpa a ela associada, podendo resultar em problemas de saúde decorrentes desse ciclo. (MONTAGNER et al, 2010).

Há uma preocupação com a manutenção de uma imagem de seriedade e respeitabilidade, principalmente em relação aos

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

colegas e professores homens, com o intuito de preservar sua intimidade. (MONTAGNER et al, 2010). Devido à manutenção desses estereótipos, muitas vezes as mulheres precisam "provar" a sua competência, se comparado aos homens. Também a feminização atual é acompanhada de certo desprestígio e uma diminuição da remuneração profissional, como observados em países da Europa Ocidental, nos quais as mulheres constituem a maior parte da área. (SCHEFFER; CASSENOTE, 2013). Segundo o CREMESP (2011), o mercado brasileiro ainda deve permanecer predominantemente masculino pelas próximas duas décadas, devido ao fato da feminização nas escolas de medicina ainda ser um fenômeno recente, evidenciado a partir da década de 70.

Há uma predominância masculina nas especialidades cirúrgicas e naquelas voltadas ao atendimento de urgência e emergência. Enquanto as mulheres optam pelas especialidades básicas, como Pediatria e Ginecologia e Obstetrícia, em detrimento de especialidades cirúrgicas. Os principais motivos que afastam as mulheres dessas especialidades são o consenso de que elas exigem maior resistência física e esforço muscular, a obrigação de dedicarem-se um tempo maior à especialidade e, com isso, a dificuldade de associar o binômio vida familiar-carreira. (AVILA, 2014), (SCHEFFER; CASSENOTE, 2013). "Dentre as 53 especialidades conhecidas, 13 são exercidas majoritariamente por mulheres, enquanto 40 são predominadas por homens, incluindo 9 especialidades cirúrgicas e também áreas voltadas a urgência e emergência" (SCHEFFER, CASSENOTE, 2013). Além disso, observa-se uma evasão masculina de algumas especialidades médicas a partir da sua feminização: a especialidade se torna desvalorizada e passa a ser vista como inferior.

Segundo Heckenberg e Druml (2010), é comumente postulado que mulheres possuem uma menor autoconfiança em comparação aos seus colegas do sexo masculino, praticam menos a autopromoção, se sentem menos aceitas no meio acadêmico e, por isso, se tornam menos determinadas e experientes em apresentar seu próprio trabalho científico. (BLEAKLEY, 2013). Além disso, foi observado uma desigualdade na distribuição de poderes: poucas mulheres ocupam posições de liderança e comando, mesmo que possuam currículos semelhantes ou superiores (CRUZ; CRUZ, 2013), (POLOLI, 2013). Averiguou-se também que alguns docentes não optam por acadêmicas com filhos para orientarem, pela convicção de que estas não suprirão as necessidades de uma formação extensa e do campo da pesquisa, isso se reflete na menor proporção de publicações nas quais as mulheres são autores principais (AVILA, 2014), (HECKENBERG; DRUML, 2010).

Estudos indicam benefícios no exercício da medicina com a inserção das mulheres no campo, as mulheres médicas estabelecem uma relação mais equânime com os pacientes, com meios mais colaborativos de comunicação e também de prescrições de tratamento, dando autonomia aos pacientes para tomarem suas decisões. Isso possivelmente terá interferência direta no campo ao longo dos anos, influenciando na maneira de cuidar do paciente e na estrutura do sistema de saúde. São impactos da feminização da medicina mudanças na atenção básica voltada para as atuações interdisciplinares e embasada nos princípios de uma boa relação médico-paciente e da humanização da profissão (SANTOS, 2010), (SCHEFFER; CASSENOTE, 2013).

Conclusões/Considerações finais

Conclui-se que o aumento do número de mulheres na medicina provocou consequências positivas na área, ainda que estas sofram uma série de privações se comparadas com o gênero masculino. Houve um aumento da inserção de mulheres na medicina, área que ainda é predominada por homens. Porém, apesar desta propensão de nivelamento quantitativo, não foi observado uma equiparação de oportunidades e privilégios. As mulheres ainda ocupam menos cargos de liderança, têm menos oportunidades no meio acadêmico, são desencorajadas a seguirem algumas especialidades, são menos valorizadas intelectualmente e profissionalmente que seus colegas do sexo masculino e expressam conflito para coordenar vida família e trabalho.

Agradecimentos

À Fapemig e Unimontes pela concessão de bolsas de iniciação científica.

Referências bibliográficas

- (1) ÁVILA, R. C. Formação das mulheres nas escolas de medicina. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v.38 n.1, jan./mar. 2014
- (2) BLEAKLEY, A. Gender matters in medical education. **Med. Educ.**, Oxford, v. 47, n.1, p. 59-70, jan. 2013.
- (3) CHENG, L. F. Why aren't women sticking with science in Taiwan? **Kaohsiung J Med Sci**, Taiwan, vol. 26, suppl. 6, p. 28-34, 2010.
- (4) CRUZ, K. S.; CRUZ, M. H. S. Diferenças de gênero no trabalho médico em saúde pública em Aracaju/Sergipe/Brasil. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10., 2013, Florianópolis, Anais Eletrônicos ... Florianópolis : UFSC, 2013, p.1-9.
- (5) HECKENBERG, A. DRUML, C. Gender aspects in medical publication - the Wiener klinische Wochenschrift. **Wien Klin Wochenschr**, Austria, vol. 122, n.5-6, p. 141-

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X



145, 2010

(6) LEITE, André Filipe dos Santos; OLIVEIRA, Thiago Rannery Moreira de. On how to Educate Male and Female Physicians: Marks Gender in a Curriculum of Medicine. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 779-801, dez. 2015.

(7) MONTAGNER, Maria Inez; MONTAGNER, Miguel Ângelo. Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: vozes singulares e imagens coletivas. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 379-397, Jun 2010.

(8) SANTOS, T. S. Discriminações, estímulos e obstáculos no campo profissional da medicina: um olhar de gênero e gerações. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 499-527, nov. 2009/fev. 2010.

(9) SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. A feminização da medicina no Brasil. **Rev. bioét.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 268-277, mai./aug. 2013.

(10) POLOLI, L. H. et al. Experiencing the culture of academic medicine: gender matters, a national study. **Journal of general internal medicine**, v. 28, n. 2, p. 201-207, 2013.

Tabela 1. Relação de artigos utilizados e seus respectivos objetivos.

AUTOR (ANO)	PERIÓDICO	TÍTULO	OBJETIVO
HECKENBERG, A. DRUML, C. (2010)	Wien Klin Wochenschr	Why aren't women sticking with science in Taiwan?	O artigo explora os fatores que contribuem para o "leaky pipeline" em ciência, tecnologia e medicina. Refere-se ao atrito constante das mulheres nos campos de ciência, tecnologia e medicina em que os homens constituem a maioria.
SANTOS, T. S. (2009 / 2010)	Trabalho, Educação, Saúde <u>Kaohsiung Journal of Medical Sciences</u>	Discriminações, estímulos e obstáculos no campo profissional da medicina: um olhar de gênero e gerações.	O artigo analisa a realidade objetiva e representações de homens e mulheres sobre seu trabalho na medicina e as interfaces com a esfera doméstica.
CHENG, L. F. (2010)	<u>Kaohsiung Journal of Medical Sciences</u>	Gender aspects in medical publication – the Wiener klinische Wochenschrift	O objetivo desse estudo foi analisar a pouca representatividade feminina nas autorias de artigos publicados em uma revista médica.
LEITE, A. F. S.; OLIVEIRA, T. R. M. (2015)	Revista Estudos Feministas	Sobre educar médicas e médicos: marcas de gênero em um currículo de Medicina.	O artigo investiga como normas de gênero marcam o funcionamento do discurso pedagógico da Medicina em um currículo de formação médica.
SCHEFFER, M. C.; CASSENOTE, A. J. F. (2013)	<u>Revista Bioética</u>	A feminização da medicina no Brasil.	O artigo traça um panorama da evolução histórica da distribuição de médicos no Brasil segundo sexo, descrevendo o fenômeno da feminização da medicina no país.
MONTAGNER, M. I.; MONTAGNER, M. A. (2010)	<u>História, Ciências, Saúde-Manguinhos</u>	Mulheres e trajetórias na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp: vozes singulares e imagens coletivas	O artigo apresenta resgate histórico e social da trajetória das professoras da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp e suas escolhas pessoais e profissionais, articuladas às suas estratégias sociais.